

# As Unidades Culturais nos 40 anos da Universidade do Minho Museu Nogueira da Silva – 2014 César Valença\*

Perante o gentil convite de Carlos Corais para apresentar o Museu Nogueira da Silva, começaria por prestar homenagem ao doador António Augusto Nogueira da Silva, homem que criou uma coleção à volta da qual vivi dezasseis anos estudando peças ou conseguindo quem o fizesse quando não sentia capacidade para tal, como Rafael Calado do Museu Nacional de Arte Antiga, um perito da Sotheby's e muitos outros na área da pintura, dos vidros... Esse trabalho iniciou-se com a mudança de apresentação das coleções ao colaborar com Nuno Barreto que me antecedeu na direção da Casa. Essa tarefa criou entre mim e a memória do Senhor Nogueira da Silva um vínculo. Perguntava-me constantemente se era correto alterar uma Casa e refazer uma imagem, num processo que se assemelhava, embora em campos diferentes, ao das personagens do Quarteto de Alexandria. O apoio de Nuno Barreto, Maria Helena

---

\* Diretor do Museu Nogueira da Silva nos anos 1987-2002.

Mendes Pinto, Maria Teresa Gomes Ferreira, Artur Nobre de Gusmão e evidentemente o da reitoria vigente, além do apoio tácito que sentia nos funcionários da Casa, parte dos quais tinham conhecido bem, ou mesmo trabalhado com o legatário, deram-me coragem para os fins que tinha em mente. O facto de peças do acervo Nogueira da Silva terem vindo a integrar exposições em Portugal e no estrangeiro e terem sido reproduzidas obras da coleção em publicações de prestigiosos investigadores, sossegou os meus escrúpulos.

Esta coleção, como todas as outras, nasceu de várias pulsões comuns aos colecionadores de todos os tempos: exercício estético, subconscientemente uma fuga à morte e certamente também uma expressão de poder. O colecionar obras de arte tem uma longa tradição de legitimação sócio-cultural tal como o exercício da filantropia. Nogueira da Silva foi um colecionador e um filantropo. A carta do Cardeal Cerejeira afirma-o como um dos maiores intervenientes na fundação da Universidade Católica. A conclusão do Templo dos Congregados, o bairro que edificou em Braga com uma escola, a construção na Póvoa de Lanhoso de um Centro Paroquial e Social, em nome do seu pai originário de Taíde naquele concelho, demonstram uma invulgar generosidade e preocupações sociais que o seu testamento confirma de forma única ao legar aos funcionários da Casa da Sorte, a empresa que tinha fundado e feito crescer.

Desde criança, Nogueira da Silva conviveu com objetos de qualidade pertença dos seus familiares maternos, onde existiam móveis Império, faqueiros de prata, oratórios do séc. XVIII e sobretudo um grande número de móveis ao gosto Luís Filipe feitos de mogno de Cuba e que eram os trastes mais comuns no meio a que pertencia, por sua mãe, uma família da sólida burguesia comercial e financeira da cidade. Ao subir a fasquia de uma fortuna de província a uma fortuna nacional, Nogueira da Silva manteve até ao fim dos seus dias na sala de receções o canapé Luís Filipe e dois cadeirões de mogno que foram dos seus Avós, onde sentava os altos dignatários da Igreja e grandes funcionários do Estado ou personagens da vida social, política e económica lisboeta e nortenha que acorriam às suas receções. Em frente ao canapé tinha o raríssimo “cassone” com pinturas do séc. XV e não longe, o faustoso sofá e “fauteils” dourados Luís XVI. Não era ingénua a manutenção do velho canapé e cadeirões.

Mas outros objetos se destacam pela raridade, como é o caso das porcelanas “Blanc de Chine” ou do pote em grés porcelânico Celadon da época Ming ou ainda os graciosos Netzukes. O pequeno vaso persa do séc. XVI/XVII tem o

interesse acrescido, tal como os pratos de faiança portuguesa do séc. XVII, ditos de aranhões, por terem em comum a influência da porcelana chinesa. O Senhor Nogueira da Silva reuniu uma notável coleção de louça da China de exportação, conhecida vulgarmente por Companhia das Índias, de que destacamos um conjunto de louça brasonada, um com figuras europeias e ainda outro com pratos recortados, “família rosa” com a forma da flor de lótus, presentes nesta exposição. Nesta mostra encontramos também, uma xícara de chá, em cujo prato se encontram as iniciais A.R., em alusão ao Eleitor Augusto de Saxe, Rei da Polónia. Esta xícara, tal como as suas irmãs gémeas do Museu Vitória e Alberto ou do Museu Metropolitano de Nova Iorque, são das primeiras contra-fações de produtos feitos na China, a imitar produtos europeus.

Portugal ligara-se tão fortemente, desde o séc. XVI ao início do séc. XIX, à porcelana da China para exportação, conhecida comercialmente como Companhia das Índias que descurou, em grande parte, as porcelanas europeias que, a partir da criação das fábricas de Meissen, Sévres e Limoges, com exemplares também presentes no acervo deste Museu, tinham uma qualidade de pasta e de pintura superiores às suas congéneres chinesas destinadas à exportação.

Os vidros, quer de mesa quer decorativos, são numerosos na coleção, onde se destacam por uma ingenuidade não destituída de encanto, os copos da Real Fábrica de Coima, fundada em 1719 e um serviço formado por cento e vinte e seis peças de cristal transparente, do último quartel do séc. XVIII, pela sua notável sofisticação.

Entre os marfins deste acervo é justo realçar a placa Luso-Mogol, com a Virgem e o Menino, sempre requisitada para grandes exposições sobre os Descobrimientos portugueses como a “Europália” em Bruxelas ou “Encompassing the Globe” em Washington, por se tratar de um interessante exemplo da influência naturalista dos motivos vegetais que descendem em linha reta dos álbuns que os Jesuítas desenhavam para o Grão-Mogol. Ainda nos marfins é de referir, pela raridade, o par de esculturas femininas executadas em França no séc. XVIII, atribuídas a Clodion pela brilhante perita de nacionalidade espanhola Margarita Estella Marcos.

O núcleo da pintura antiga, não sendo muito numeroso, é com certeza o mais importante existente em Braga nas coleções públicas e privadas, destacando-se,

pela qualidade, um tríptico maneirista da Escola de Praga, atribuído por Luís de Moura Sobral e Costa Kaufmann a Dirk de Quade van Ravestejn (1565/70, cerca de 1619), do círculo do imperador Rodolfo de Habsburgo. Notável é igualmente o quadro da Renascença Flamenga, a “Senhora da Meia Laranja”, atribuído a Ambrosius Benson ou seguidor (séc. XVI). Na pintura portuguesa, o mais representativo dos quadros, quer pela sua dimensão, quer sobretudo, pelo que representa na intenção política de D. João V, de arrancar Portugal da esfera cultural espanhola em que o país permaneceu mesmo depois de 1640, é a “Última Ceia” da autoria de André Gonçalves, 1685-1762. André Gonçalves é o primeiro pintor português a revelar a influência do barroco classicizante, ao gosto romano, com cores frias inspiradas nas obras do Renascimento e Maneirismo.

O séc. XX está presente nesta coleção, pelo que suponho constituir o maior número de esculturas de Jorge Barradas a norte de Lisboa e ainda por um conjunto de pintura de António Soares, Emmerico Nunes e Fred Kradolfer.

Nomeado diretor em 1989, dei continuidade a esse meu trabalho de reformulação e estudo das coleções iniciado na direção de Nuno Barreto. Com a preocupação de destacar a importância dos objetos associando-os a conteúdos com rigor histórico e de criar ambientes de usufruto e leitura agradáveis para o público, organizei a exposição permanente por tipo de coleção como a sala das porcelanas e a “recâmara” ou por época como a sala da pintura antiga e a sala romântica. Visitar uma exposição é, antes de mais, um exercício de sensibilidade cultural e estética, e, tal como após a exibição de uma peça de teatro, de um filme ou de um concerto, esse ato pode igualmente ser uma forma de reinterpretar as obras, acompanhando-as das nossas próprias circunstâncias, tendo em mente a época em que se insere, evidentemente, o ser criativo e apaixonado que é sempre o colecionador.

A criação de conteúdos resultantes dos estudos realizados, deu origem a um ciclo de exposições temáticas, na galeria, sobre as coleções do Museu, com o intuito de aproximar o público do importante acervo guardado nesta Casa: com olhares sobre a faiança, porcelana, vidros, marfins, pintura; ou temáticas como “A Sala de Jantar na Segunda Metade do Séc. XIX” com o pretexto de trazer à Galeria tecidos, louças, cristais e objetos guardados nas reservas; ou

a “Rota do Cabo – ligação de Mundos” enquadrando historicamente alguns objetos. A edição dos catálogos destas exposições registou grande parte da informação sobre as coleções, correspondendo, o seu conjunto, a um catálogo geral do Museu.

Esta nova identidade, sustentada no estudo das coleções, na reformulação nos espaços e nos conteúdos elaborados, passou a ser a matriz que, associada à arte e às suas diferentes formas, serviria de base a toda a atividade desenvolvida. Seria maçador enumerar todas as ações promovidas pelos diferentes diretores: Luís Mateus entre 1980 e 1986, Nuno Barreto entre 1986 e 1989, eu próprio entre 1989 e 2003, Carolina Leite entre 2003 e 2007 e Carlos Corais a partir de 2007 pelo que, para além da formação da exposição permanente já referida, irei destacar alguns pontos importantes desta Casa implementados e desenvolvidos ao longo do tempo.

A Galeria da Universidade, aberta no início dos anos 80, foi um dos primeiros espaços dedicados às artes plásticas na cidade que viria a receber artistas e exposições de arte contemporânea de renome nacional e internacional como: Fernando Lanhas, Júlio Resende, Bartolomeu Cid dos Santos, Júlio Pomar e Gil Teixeira Lopes, Emmerico Nunes, Valerio Adami, Carlos Carneiro, José Rodrigues, Dario Alves, João, Mário Bismarck, Alberto Peixoto, Álvaro Lapa, Emerenciano, Rui Pimentel, Ângelo de Sousa, Gætan, Mário Américo, Armanda Passos, Graça Morais, Paulo Neves, Virgínio Moutinho e uma nova geração como Paulo Brighenti, Sandra Dias, Adelina Lopes, Isaque Pinheiro, Pedro Maia, Cristina Mateus, Alexandre Connefrey, Francisco Tropa; Ricardo Pistola, Pedro Sousa Vieira, Rui Vasconcelos, Teresa Carrington, Miguel Branco; Luís Silveirinha, Pedro Lobo, Cristina Lamas; Jorge Nesbitt entre muitos outros.

Para além das já referidas exposições sobre as coleções do Museu realizaram-se outras temáticas como: uma exposição didática inédita em Portugal “Design de Mobiliário” com a colaboração da empresa Carvalho Araújo; “Aspetos do Traje Popular nos Arredores de Braga na mudança do século” com o Núcleo de Cultura Popular e “Peças Escolhidas da Coleção Nogueira da Silva” e uma grande exposição/percurso sobre Jorge Barradas, apoiada pelo QREN.

Numa ideia de diálogo entre épocas e correntes realizaram-se também exposições de arte contemporânea nos espaços da exposição permanente: as

“Convergências”, com obras da coleção de arte da Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento; *MNS – ideias no lugar* com trabalhos realizados por finalistas do Curso de Escultura da Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto e Paulo Mendes da série “S de Saudade”.

A adaptação de duas salas a auditórios e a utilização do salão nobre, possibilitou uma diversidade de acontecimentos como: conferências e colóquios: “Azulejos em Portugal, da Origem a Jorge Barradas” por José Meco; ou o congresso sobre o Barroco, “Struggle for Syntheses”, “Artes de cura – a palavra ao corpo”, “*Desenho e modelo*”, “A mão que pensa – Desenho e narrativa” sobre a obra de Valerio Adami e “O Retrato das Emoções”, são alguns exemplos.

Organizaram-se cursos livres como: “História da Arte Contemporânea” com António José Cruz Mendes; “História da Arquitetura” pelo historiador Paulo Pereira e “Questões. Imagens. Textos” por Carlos França; “História da Fotografia” com Nuno Borges Araújo; “Atelier de Serigrafia” com Isabel Jácome; Curso Livre de História da Música “Saber Ouvir”, por Miguel Leite; Curso de Desenho por Ricardo Leite.

Realizaram-se concertos de vários géneros musicais e recebeu-se, de um generoso mecenas anónimo, um piano de concertos que possibilitou uma programação intensa na área da música.

Contando com o apoio de Maria João Araújo da Casa da Música, Paola Grimaldi e Anabela Baptista do Palácio Foz conseguiu-se a vinda de músicos de renome e um conjunto de jovens intérpretes com currículos importantes. Com a colaboração da Rádio Universitária realizaram-se muitos outros recitais de diferentes tipos de música como Festival de Jazz da RUM com a participação de Ohad Talmor “News Real Quintet”, “Matt Pavolka Quartet” e uma série de concertos de música contemporânea, Bor Land e “Sonopólis, arquitetura sonora”, *Noiserv* e Tó Trips.

Tocando a área da literatura, da Poesia do teatro e da dança, realizaram-se recitais com o Sindicato da Poesia, Mala Voadora, Centro de Estudos Galegos e o Grupo de Teatro Universitário e espetáculos de danças com a Arte Total e o Estúdio Helena Mendonça.

O Serviço Educativo, criado em 1993, tem tido um papel fundamental na divulgação do Museu e na mediação do público jovem com as coleções e os espaços do Museu, através de uma diversificada programação, acolhendo milhares de alunos. Foi-lhe mesmo atribuído o Prémio da Associação Portuguesa de Museologia em 1996/97/98.

A Biblioteca, especializada em arte, formada a partir da fundação do Museu viu o seu espólio enriquecido com importantes contributos da Fundação Calouste Gulbenkian da editora Página D'Arte e de particulares, entre outros.

Em 1981 criou-se o Centro de Documentação Fotográfica – Fototeca que viria a integrar vários arquivos fotográficos (Manuel Carneiro e Arcelino pertença da ASPA, Rocha Peixoto, da Biblioteca Pública de Braga e mais recentemente o arquivo da ex-Diamang).

Inicialmente adaptou-se um espaço no jardim para a sua instalação, tratou-se da positivação dos negativos e, mais tarde, da sua digitalização, permitindo um acesso mais fácil do público ao arquivo fotográfico, preservando os originais.

Em relação à organização museológica desta casa, iniciou-se em 1984 o inventário museográfico imprescindível para a posterior abertura do Museu ao público. Com o inventário concluído e a reformulação normalizada, o Museu passou a estar aberto a partir de 1991, de terça a sábado, horário que ainda hoje mantém. Melhoraram-se as condições de segurança do Museu com sistemas de anti-instrusão e de deteção de incêndio. Em 2002/2003 iniciou-se o processo de integração do Museu na Rede Portuguesa de Museus que viria a ser formalizada em 2004 e que confirmou a qualidade museológica desta casa, permitiu a abertura a uma rede nacional de contactos e a candidatura a projetos europeus.

Na área da conservação através de um esforço enorme para conseguir colmatar alguns problemas, restauraram-se algumas pinturas e, através do projeto “MNS-Novos Percursos” apoiado pelo QREN, conseguiu-se o restauro de duas fontes, um lago de granito, sete esculturas de mármore, de um piso em mosaico, de sete painéis de azulejos e a deslocação e restauro de uma escultura de Jorge Barradas que estava a danificar-se no exterior.

Ao longo do tempo alguns objetos têm sido incorporadas no Museu como: um crucifixo de marfim e madeira do séc. XVIII, pela Senhora Dona Antónia Bento Barata, obras do pintor Mário David, trabalhos de Maria Mendes e o arquivo documental e objetos do espaço de trabalho da escritora bracarense, Maria Ondina Braga que levou à criação de um novo espaço no jardim, através do projeto MNS- Novos Percursos que trouxe também melhorias nos espaços e na conservação.

Sendo uma Unidade Cultural da Universidade do Minho tem-se fomentado a dinamização das relações com Escolas e Departamentos, por intermédio do apoio a trabalhos e projetos e acolhimento de estágios em diferentes áreas.

Para além da edição de pequenos catálogos em formato de folheto ou desdobrável que têm vindo a acompanhar as exposições da Galeria desde o início da sua atividade, foram publicados, como já foi referido, catálogos com olhares sobre as diferentes coleções do Museu. Gostaria também de destacar algumas que, com o apoio de outras instituições, ou não, alcançaram mais qualidade como: o Portfolio com 10 reproduções de desenhos de Valerio Adami, “A mão que pensa – *Desenho e narrativa*”, numa reedição, em português da versão da edição de Pagine d’Arte, Aprica; o catálogo da exposição “Emmerico Hartwich Nunes, retrato sensível. Arte e desenho humorístico na imprensa alemã” e o primeiro número dos Cadernos do Museu: “Desenho e Modelo”.

A qualidade do trabalho desenvolvido pelo Museu tem sido reconhecida pelo público geral e especializado, a vários níveis e serviu já de exemplo para outras doações à Universidade do Minho, como foi a Casa Museu de Monção, pela Senhora Dona Teresa Salgueiro, após uma minuciosa visita ao Museu Nogueira da Silva. A história desta Unidade Cultural da Universidade do Minho tem naturalmente as marcas das diferentes sensibilidades e formações das direções que, com o apoio de uma pequena equipa, a colocaram quase ao nível dos museus nacionais, fazendo hoje, parte da Rede Portuguesa de Museus, num espírito de estudo, abertura e valorização do património artístico junto do público.



